

Quem tem medo do TikTok?

Nos EUA, como na Europa, o debate crucial não é sobre a saúde mental. É sobre a segurança do Estado.

Nuno Severiano Teixeira, *Publico*, 24 de Julho de 2024

É um fenómeno. Nasceu como um nicho de dobragem de voz para um público infantil e é hoje uma das maiores redes sociais do mundo. O TikTok é detido pela tecnológica chinesa ByteDance. Foi lançado no mercado global, em 2017, sob o mesmo modelo do seu irmão Douyin, lançado, em 2016 no mercado chinês. Embora com diferenças, são irmãos gémeos: um funciona para a China, outro para o Ocidente. Hoje, está em 155 países e 39 idiomas. Em 2023, tinha no mercado global 1677 milhões de utilizadores mensais: 150 milhões nos EUA, 134 na UE e 100 na Indonésia, os três maiores mercados. O perfil etário dos utilizadores é muito jovem: a grande maioria pertence à chamada geração Z (63% tem entre dez e 29 anos). E é equilibrado no género, com ligeiro predomínio feminino (51%).

O segredo do sucesso do TikTok é o fluxo personalizado de curtos vídeos, diferenciado para cada utilizador de acordo com o seu perfil. E, para a construção desse perfil, a aplicação recolhe um enorme manancial de informação pessoal sobre a qual traça as características intrínsecas do utilizador e adapta os conteúdos aos seus interesses – de modo a mantê-lo o máximo tempo possível “agarrado” à plataforma.

Ora, um tão poderoso algoritmo pode não só gerar dependência psicológica, como pode também, sendo a principal fonte de notícias para os utilizadores, transformar-se num factor de manipulação da opinião pública. E é por isso que muita gente tem medo do TikTok. Uns, por causa da saúde das pessoas. Outros, por causa da segurança do Estado. Médicos e psicólogos têm alertado para a questão da saúde mental: a dependência viciante do uso da rede que pode afectar capacidades cognitivas e emocionais e gerar ansiedade e depressão. Uns dizem que nada está provado, outros falam, mesmo, de um “cérebro TikTok”.

Sem hesitações, a China regulou o uso do Douyin e impôs severa vigilância digital. No Ocidente liberal, o debate continua sobre os efeitos psicossociais do TikTok. Mas, nos EUA como na Europa, o debate crucial não é sobre a saúde mental. É sobre a segurança do Estado. Os governos ocidentais receiam que, sob a Lei Nacional de Intelligence chinesa, através da ByteDance, Pequim tenha acesso aos milhões de dados pessoais dos seus cidadãos e, mais do que isso, que o TikTok possa ser veículo de propaganda encoberta, contra a liberdade e a democracia.

Os EUA aprovaram uma lei que dá um ano ao TikTok para encontrar um novo proprietário, sob pena de ser banido do mercado americano. A UE não impôs, até

agora, a alienação do capital ou a ameaça de expulsão. Mas segue com atenção e, sob a Lei de Protecção de Dados, pode recorrer à suspensão. Certo é que a Administração americana, a Comissão Europeia e os governos do Reino Unido, do Canadá ou da Índia proibiram o uso do TikTok em telemóveis de uso oficial.

Na rivalidade global entre os EUA e a China, o TikTok ameaça tornar-se uma segunda polémica Huawei. E pela segunda vez por causa da interferência externa chinesa. Só que, agora, de forma mais complexa, porque nela se confundem interferência e influência. Confundem-se, mas são distintas. Pelo poder que usam e pelo impacto que provocam no país alvo. E convém distingui-las.

A influência externa é benigna e usa o soft power no sentido de Joseph Nye: procede por persuasão e sedução. É transparente, legal e positiva sobre o país alvo. É o caso dos programas ocidentais de ajuda ao desenvolvimento, ou promoção da democracia, ou da Nova Rota da Seda chinesa. Pelo contrário, a interferência externa é maligna e usa um sharp power, agressivo e insidioso. Procede por coerção e conquista. É encoberta, ilegal e negativa sobre o país alvo. É o caso da desinformação difundida por regimes autoritários para desestabilizar as instituições democráticas. Como é o assédio digital e o silenciamento das diásporas no estrangeiro. Putin é mestre da desinformação. Mas as chamadas “esquadras de polícia” chinesas no estrangeiro para o controlo da diáspora ou a repressão transnacional dos opositores são um bom exemplo.

O TikTok exerce actividades de influência, como, certamente, acolhe actividades encobertas de interferência. Não há que ter medo, mas os legisladores precisam de distinguir, claramente, o que é a influência benigna do que é a interferência maligna. E dá-lo a conhecer publicamente. Não só para garantir a segurança dos cidadãos, mas também para evitar qualquer xenofobia antichinesa. Estranhamente, Portugal tem passado ao lado deste debate. Mas convém lembrar que há, por mês, 3,3 milhões de portugueses no TikTok.

<https://www.publico.pt/2024/07/24/opiniao/opiniao/medo-tiktok-2098552>